Sucessos das prisões

João Camacho (2011) *Terrorismo em Portugal – a guerra esquecida*, Cascais, Rui Costa Pinto, mostra como as prisões servem para fazer mudar de “ideias” grupos políticos, no caso dividindo-os entre si perante o julgamento e desarticulando no tempo as suas possibilidades de acção conjunta.

Talvez fosse possível mostrar, no caso da prisão de elementos centrais do MRPP em 1975, como a prisão serve para cortar a relação social de um grupo político com o todo da sociedade.

Carlen, Pat (2005) "Imprisonment and the penal body politics" cap 16 em Alison Liebling e Shadd Maruna (ed) The Effects of Imprisonment, Devon, Willan Publishing:421-441.

:422

Cumpre com procura social por dureza para com os culpados;

Aumento do número de presos, ironicamente, pode ser apresentado como cumprimento governamental na guerra contra os malfeitores;

São mecanismos de controlo e gestão dos pobres e marginais, cf Miguel Chaves (1999) *Casal Ventoso: da gandaia ao narcotráfico*, Lisboa, ICS. e Loïc Wacquant (2000) As Prisões da Miséria, Oeiras, Celta.

Protege o público de criminosos (durante a detenção)

A prisão requer adaptação (dos profissionais, dos presos, das suas famílias e amigos e das sociedades) à sua existência e vivência. A sua existência produz efeitos psicológicos e sociais, em particular cria:

o mundo do crime;

um estigma socialmente selectivo contra o espírito marginal,

permitindo a pessoas “acima de toda a suspeita” comportar-se marginalmente (moralidade nieztchiana),

mantendo sob controlo criminal as iniciativas dos membros de grupos sociais desfavorecidos

através da institucionalização da intromissão policial e dos trabalhadores sociais na vida dessas classes sociais,

ameaçando-as em permanência

através da gestão dos seus filhos e jovens mais isolados, capturados para alimentar o sistema penitenciário, como os predadores escolhem as suas presas numa manada.